



Percepções de suportes e barreiras por treinadoras de futebol em cursos de formação da CBF Academy

Palavras-Chave: mulheres, formação, comissão técnica, capacitação, futebol.

Autores/as:

**KAREN LETÍCIA GUIMARÃES [FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - UNICAMP]
Profª Drª LARISSA GALATTI (orientadora) [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]
Profª Drª JULIA BARREIRA (coorientadora) [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS]**

INTRODUÇÃO:

O futebol é uma prática esportiva hegemônica no Brasil, considerado uma paixão nacional (KNIJNIK, 2006; GOELLNER, 2005a, 2006; SALLES et al, 1996), entretanto se trata de um espaço ocupado majoritariamente por homens tanto na prática, quanto em sua gestão e desenvolvimento. As dificuldades de inserção da mulher no futebol se distendem da prática esportiva, até a atuação na área dentro dos clubes e federações. O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, por exemplo, é predominantemente ocupado por homens (85%) nos cargos de comissão técnica, sendo a maior inserção das mulheres (22%) em cargos de auxiliares técnicas (PASSERO, BARREIRA, TAMASHIRO, SCAGLIA & GALATTI, 2020).

De acordo com Kessler (2015, p.15), “o universo esportivo é um espaço de construção de subjetividades e de coletividades: emoções, paixões, traumas, triunfos e dramas. Neste universo, há o envolvimento de atores de diversas classes sociais, gêneros, etnias e religiosidades.” A inserção da mulher no mundo esportivo é uma pauta em constante crescente ao passo em que cada vez mais é fomentada a discussão sobre gênero e o papel da mulher na sociedade. Realizado em 2015, o estudo “Why Am’I putting myself through this” procurou investigar dentro do sistema de futebol inglês a inserção de mulheres nos cursos de formação de treinadores e treinadoras e trouxe à tona novas questões e perspectivas acerca das barreiras enfrentadas pelas mulheres nesse ambiente ainda gerenciado e dominado por homens.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem organizado nos últimos anos cursos de qualificação, exigindo esse tipo de certificação de profissionais para atuarem na área, como por exemplo o “Mulheres no Jogo”, visando aumentar os números de mulheres na instituição educacional. No contexto nacional, não há produção de pesquisa científica ou qualquer indício de estudo acerca das experiências vivenciadas por treinadoras que fizeram cursos da CBF *Academy*.

A precariedade da discussão acerca do tema e os baixos números de mulheres atuando como treinadoras demonstra a necessidade de fomentar pesquisas que estudem os aspectos envolvidos dentro desses cursos de formação, afim de investigar a realidade enfrentada pelas mulheres em espaços majoritariamente ocupados por homens.

METODOLOGIA:

Realizamos um mapeamento dos cursos oferecidos pela CBF para formação de treinadores e treinadoras que desejam atuar no futebol brasileiro, em seguida uma busca para identificar quem são as mulheres que fizeram parte desses processos, através do site oficial da CBF (<https://www.cbf.com.br/>). No entanto, não há nenhum tipo de listagem que indique quem são as pessoas que participam dos cursos da CBF Academy, por conseguinte, na medida em que as autoras do estudo tem trajetória profissional que perpassa o futebol de mulheres, optamos por um processo de amostragem por conveniência. Encontramos 8 mulheres que realizaram os cursos para atuação como treinadoras, sendo que 6 aceitaram participar do estudo. Uma vez que elas aceitaram o convite, através do Google Meet, realizamos a entrevista semiestruturada, com o intuito de tomar conhecimento sobre a experiência dessas profissionais dentro dos processos de capacitação da CBF Academy. A entrevista semiestruturada foi uma adaptação do estudo “Why Am I putting myself through this?” de Colin J. Lewis, Simon J. Roberts & Hazel Andrews e buscando investigar questões como preconceito, representatividade, questões de gênero, perfil socioeconômico, oportunidade no mercado de trabalho, acesso aos cursos e outras questões que emergiram durante a entrevista. A elaboração do roteiro de entrevistas, ocorreu a priori em conjunto com a coorientadora e orientadora da pesquisa, sendo em seguida refinado com base no Modelo Ecológico de Nicole Lavoie.

Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das treinadoras e transcritas pela pesquisadora, de forma fiel ao encontro realizado. Além disso, todos os nomes apresentados nas falas ao longo do estudo são fictícios, no intuito de preservar a identidade das treinadoras e garantir um ambiente seguro de conversa. Essa iniciação científica é vinculada ao trabalho de mestrado de Julia Passero intitulado “Processo de formação e de entrada de mulheres como treinadoras esportivas em modalidades coletivas no Brasil”, o qual já possui aprovação do Comitê de ética (CAAE: 18722619.6.0000.5404). A proposta da pesquisa faz parte da linha de pesquisa Esporte e Mulheres do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE) da UNICAMP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da análise dos dados coletados, falas e relatos que surgiram em comum nas entrevistas com as treinadoras foram destacados e definidos como temas emergentes para a pesquisa. Para elucidar a temática, recortamos trechos fielmente retirados das entrevistas.

“Ah, as mulheres vão me perdoar...”

Os cursos preparatórios para o futebol ainda são majoritariamente ocupados por homens, o que geralmente resulta na sensação de não pertencimento e necessidade de provar o seu conhecimento. De acordo com Kilty (2006), um tipo de barreira para mulheres em papel de treinadoras é a suposição desigual de competência, onde um treinador é automaticamente assumido ser mais competente do que uma treinadora. Treinadoras também se sentiram de certa forma desconfortáveis com falas de colegas e professores que tinham cunho machista e sexual. Bourdieu trás o conceito de violência simbólica, demonstrando o quanto a linguagem e as ações inapropriadas demonstram de forma indireta o posicionamento social e as relações de poder. De acordo com Kilty (2006), “o conceito de violência simbólica se prestará a explorar as maneiras pelas quais educadores de treinadores e outros candidatos interagem e se comunicam com candidatas em cursos de formação de treinadores de futebol”.

“Sim, comentários de cunho machista. ‘Ah, as mulheres vão me perdoar...’, ‘Falam muito’, sabe umas coisas assim? Ah, sei lá. E outras do tipo ‘você não fez tal coisa? Então você tem que passar vaselina, passar bastante vaselina lá que aí você vai e...’, sabe, umas coisas assim? Gente, desnecessário, já entendi, se você não fizer o trabalho você vai se dar mal, já entendi.” [Nairobi]

“E você vai frequentar os cursos, você não vai ver outra mulher, vai ser você sozinha, por vezes professores vão usar piadas e palavreados não adequados. Você vai ouvir, mas você ao mesmo tempo vai entender que está num ambiente que na teoria - pra eles, não é o seu.” [Nairobi]

“O Presidente do curso, coordenador, não sei o que ele é... Ele fazia umas piadas muito machistas. Eu não lembro exatamente qual era a piada, mas era muito machista. Eu fiquei revoltada, a Nairobi ficou revoltada, todas as meninas ficaram bravas. E na avaliação eu desci a lenha e coloquei meu nome. E a gente ficou 10 dias juntos né, todos os dias das 7h da manhã às 7h da noite. E aí eu me recordo que no último dia, não sei se ele chegou a ler, mas ele falou “é, a gente não vai agradar a todos”. Mas eu fiquei bem brava com o jeito que ele tratou a piada, eu não gostei, não me recordo, mas foi uma coisa bem pesada.” [Luna]

Além disso, as mulheres experienciaram uma sensação de exclusão – até que provassem o seu valor como profissionais – e por estarem em menor quantidade comparado aos homens. Essa sensação inicial de constrangimento aparentou ser um efeito inicial no processo de socialização dos cursos, ou seja, no primeiro contato paira no ar o sentimento de que muito possivelmente aquelas mulheres não tem muito com o que contribuir para a construção do conhecimento ao longo do curso. Ao passo em que as mulheres se posicionaram, demonstrando seu conhecimento e “dando a cara a tapa”, há uma aceitação e integração por parte dos homens.

“No começo os homens sempre olham com desconfiança, sempre eles vão olhar com desconfiança, “será que ela sabe o que é impedimento?” sabe, umas coisas assim?” [Nairobi]

“Mas a medida em que eu fui me posicionando dentro do curso, então por exemplo tinha uma aula e eu pergunta, fazia algumas perguntas legais, ou as vezes ali mesmo no Coffee Break, a medida em que fui me posicionando e colocando minha opinião junto com tudo que eu penso e tenho estudado, os meninos começaram a confiar mais.” [Luna]

“Quem não é vista, não é lembrada...”

Ao longo das entrevistas, em todo momento as mulheres enfatizaram sua constante busca por qualificação para trabalhar como treinadoras de futebol não somente pelo desejo de obter conhecimento, mas também por sentirem que necessitavam de alto conhecimento para serem ouvidas e levadas a sério. Além disso, estudos demonstram que homens tendem a contratar homens, devido ao *network* estabelecido entre eles, mesmo que uma mulher seja mais capacitada e experiente (Puwar, 2004), mantendo assim estruturas patriarcais dentro do esporte. O cenário ainda é muito desigual para homens e mulheres, sendo que as mulheres são constantemente questionadas sobre a sua capacidade de liderar. A violência simbólica reproduz interesses de grupo dominantes, beneficiando sempre grupos que estão no poder, através de atitudes e comentários (Bourdieu, 1977), reforçando uma hierarquia de gênero onde o homem é o centro de tudo.

“É, mas infelizmente eu sei que se eu fosse um homem com o mesmo currículo eu estava em outro lugar sabe. Infelizmente para a mulher sempre é mais difícil.”
[Nairobi]

“Então assim, eles usam o processo seletivo que é pra homem, tipo “você tem que ter trabalhado 7 anos no nível da base ao profissional”, cara, não tem base no feminino!! Não tem como trabalhar e no profissional ninguém vai me contratar porque eu não tive trabalho. [Stella]

“A ‘parada’ é um nível do ridículo que não sei nem explicar, mas quer cobrar da treinadora como se fosse capacitada como o homem, mas as obrigatoriedades não seguem o mesmo fluxo do processo de capacitação.” [Stella]

Os temas trabalhados acima representam parte dos resultados desta pesquisa, diversas outras temáticas também emergiram ao longo das conversas com as treinadoras, no entanto, optamos por demonstrar apenas essas devido à limitação de páginas do resumo PIBIC. O estudo completo poderá ser acessado no período de entrega do relatório final.

CONCLUSÕES:

A opressão sofrida pelas mulheres em cursos de formação não se dá exatamente de forma discriminatória, mas sim de forma mais sutil e ideológica. Transpassa por relações de poder que se dão através de “micro” representações sociais que deixam a mulher em papel de submissão ou inferioridade em relação a homens. Através da fala, através de pequenas atitudes, o ambiente de formação da CBF *Academy* corrobora para que o número de mulheres atuando no futebol e participando de cursos de formação continuem baixos. Estratégias têm sido adotadas para mudar essa realidade, como políticas de inclusão e oportunidade de descontos nos cursos, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido para que mulheres alcancem esses lugares de poder dentro do futebol, revertendo os resquícios do atraso histórico, social e cultural ao qual mulheres treinadoras vivem sob as sombras. Não há registros de estudos no cenário nacional acerca da percepção de mulheres em cursos da CBF de formação para treinadores e treinadoras, sendo assim um estudo com potencial construtivo para o debate sobre melhorias para esses tipos de contexto de aprendizado que cada vez mais se mostram necessários para atuar no futebol brasileiro em diversas camadas.

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRA, Júlia. **Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres: conceitos, ações e implicações**. Doutorado em desenvolvimento na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2019.
- KESSLER, Claudia S. **Mais que barbies e ogas: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2015.
- CBF. **CBF Academy**. 2018. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br>>. Acessado em: 20/04/2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- LEWIS, Colin J.; ROBERTS, Simon J.; ANDREWS, Hazel. **'Why am I putting myself through this?' Women football coaches' experiences of the Football Association's coach education process**. *Sport, education and society*, v. 23, n. 1, p. 28-39, 2018.
- LAVOI, Nicole M.; DUTOVE, Julia K. **Barriers and supports for female coaches: An ecological model**. *Sports Coaching Review*, v. 1, n. 1, p. 17-37, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Social space and symbolic power**. *Sociological theory*, v. 7, n. 1, p. 14-25, 1989.
- Bourdieu, P. (1977). **Outline of theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Puwar, N. (2004). **Space invaders: Race, gender and bodies out of place**. Oxford: Berg.
- Ryba, T., & Wright, H.K. (2005). From mental game to cultural praxis: A cultural studies model's implications for the future of sport psychology. *Quest*, 57, 192–212.
- PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. **Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem**. *Movimento*, v. 26, e26060, 2020
- CBF. **CBF ACADEMY**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/noticias/247-cbf-academy-lanca-programa-mulheres-no-jogo>>. Acessado em: 20/07/2021